



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SHEILA COSTA CHAVES BARROSO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**João Pessoa/PB
2018**

SHEILA COSTA CHAVES BARROSO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luisa Nogueira de Amorim.

**João Pessoa/PB
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B277c Barroso, Sheila Costa Chaves.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL /
Sheila Costa Chaves Barroso. - João Pessoa, 2018.
49 f. : il.

Orientação: Ana Luisa Nogueira de Amorim.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Contação de História. Ed. Infantil. P. Pedagógica.
I. Amorim, Ana Luisa Nogueira de. II. Título.

UFPB/BC

SHEILA COSTA CHAVES BARROSO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

APROVADO EM: 01/11/2018

BANCA EXAMINADORA

Ana Luisa Nogueira de Amorim.

Profª Drª Ana Luisa Nogueira de Amorim - UFPB

(Orientadora)

Nádia Jane de Sousa.

Profª Drª Nádia Jane de Sousa - UFPB

(Membro)

Emília Cristina Ferreira de Barros

Profª Drª Emília Cristina Ferreira de Barros - UFPB

(Membro)

Dedico este trabalho a Deus, por me permitir realizar um sonho de me formar em Pedagogia. Aos meus pais que amo muito. Em especial ao meu esposo, que sempre me deu força para continuar na realização de se tornar uma pedagoga. E a todos meus colegas de curso e profissionais que fizeram parte da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me abençoado com a realização de me formar em Pedagogia, pois desde pequena queria ser uma professora e hoje com muita emoção posso dizer “obrigada meu Deus”.

Aos meus pais, que amo profundamente e sempre me aconselhou a nunca desistir e sim lutar por aquilo que desejamos e que desde pequena presenciei a luta financeira deles para poder me manter na escola, pois nossa vida não foi fácil, mas tudo é possível àquele que crer em Deus.

Ao meu esposo Sérgio, desde que me conheceu sabia do meu sonho de me formar em Pedagogia e durante quase cinco anos nessa conceituada Instituição, ele presenciou muitos obstáculos para que eu chegasse até aqui, porém sempre me apoiando e até entendendo minhas ausências como dona de casa, devido às demandas que o curso me ordenava cumprir, amo você ainda mais meu marido.

Aos meus amigos de turma, pelas amizades construídas e pela troca de conhecimentos proporcionados, a cada debate nas aulas, seminários assistidos dentre tantos outros encontros ao longo desses anos juntos.

A todos os meus professores que fizeram parte dessa formação acadêmica, em especial meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Ana Luisa Nogueira de Amorim, por toda sua dedicação, ensinamento compartilhado e comprometimento em me orientar na finalização desse trabalho, que também foi minha professora na jornada de disciplina do curso.

Obrigada!

Sheila Costa Chaves Barroso

“A leitura abre a mente e amplia os horizontes. Quando isso é feito na primeira infância, tudo acontece de uma forma muito mais natural e prazerosa. E é essa geração de leitores que poderá transformar o mundo através da Educação e do conhecimento. Tenho absoluta convicção disso”.

Isa Colli.

RESUMO

Este trabalho aborda as possibilidades que o recurso da contação de história traz ao desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Foi realizada uma breve reflexão no contexto histórico da Educação Infantil no Brasil e na contação de história como recurso pedagógico, tomando como referência os estudos de autores como Paschoal e Machado (2009), Kuhlmann Júnior (2000), Kramer (2003), Oliveira (2002), Busatto (2012), Tahan (1966), Abramovich (1993), entre outros; também é fundamentado nos documentos legais brasileiros. O objetivo do estudo é analisar as possibilidades que existem através do recurso pedagógico da contação de história. Com esse propósito o referido trabalho teve sua metodologia embasada no método dialético e trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Para chegar aos resultados obtidos a pesquisadora fez uma pesquisa de campo com análises das observações e a construção de três questionários que foram respondidos pela gestora, professora e monitora. O trabalho foi realizado em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), da rede municipal de João Pessoa. Por meio desse estudo foi possível constatar o quanto a literatura infantil é importante nas práticas pedagógicas para a Educação Infantil. Percebeu-se também que os professores e funcionários pesquisados da referida instituição, reconhecem a importância de utilizar a contação de história no planejamento escolar, e que através dessa prática, além de possibilitar o desenvolvimento da criança, tem como propósito formar um futuro leitor.

Palavras-chave: Contação de História. Educação Infantil. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This paper discusses the possibilities the resource of storytelling brings to the development of the child in Childhood Education. A brief reflection was made on the historical context of Early Childhood Education in Brazil and on the account of history as a pedagogical resource, taking as reference the studies of authors such as Paschoal and Machado (2009), Kuhlmann Júnior (2000), Kramer (2003), Oliveira (2002), Busatto (2012), Tahan (1966), Abramovich (1993), among others; is also based on Brazilian legal documents. The objective of the study is to analyze the possibilities that exist through the pedagogical resource of storytelling. With this purpose, the mentioned work had its methodology based on the dialectical method and it is a research of exploratory and descriptive nature, with qualitative approach. In order to arrive at the results obtained the researcher did a field research with analysis of the observations and the construction of three questionnaires that were answered by the manager, teacher and monitor. The work was carried out in a Reference Center on Early Childhood Education (CREI), of the municipal network of João Pessoa. Through this study it was possible to verify how much the children's literature is important in the pedagogical practices for Early Childhood Education. It was also noticed that the professors and officials researched at this institution recognize the importance of using history counting in school planning, and that through this practice, in addition to enabling the development of the child, its purpose is to form a future reader.

Key words: Storytelling. Childhood Education. Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. UM BREVE PERCURSO NO CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	12
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO	20
3.1 O CANTINHO DA LEITURA NAS INSTITUIÇÕES INFANTIS	24
4. TRAJETO METODOLÓGICO.....	28
5. ANÁLISES E DISCURSÃO DOS DADOS OBTIDOS NO CAMPO DE PESQUISA	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFÊRENCIAS	48
ANEXO	
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a contação de história como recurso pedagógico no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. A construção do conhecimento da criança não é igual, porque necessita do processo de letramento em seu ambiente social e o conto de histórias se encontra incluído, sendo assim, [...] a importância que tem a escrita no meio em que vivem e das práticas sociais de leitura e escrita que podem estar presentes e compartilhadas. Conforme encontramos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL, MEC, 1998) no seu 3 volume, o contato da criança com a contação de história possibilita o processo de construção do seu desenvolvimento e aprendizado.

O interesse pela temática surgiu a partir da nossa primeira vivência no estágio obrigatório da Educação Infantil. Este estágio foi realizado em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), localizado na cidade de João Pessoa, bairro de Mangabeira, na sala de atividade com crianças da faixa etária de três anos. Através das intervenções e com o olhar na professora titular da sala no decorrer do estágio, foi possível observar que na contação de história (uma das atividades), ocorreu a participação, o envolvimento e, principalmente, o encanto das crianças pelo trabalho. Portanto, foi por essa razão o interesse em aprofundar a pesquisa sobre o tema citado acima.

Os estudos realizados acerca da contação de história são bastante amplos, uma vez que consultamos no Google Chrome e encontramos em torno de 13.500 (treze mil e quinhentos) arquivos acerca do assunto, porém, dentro do recorte que buscamos estabelecer, o assunto é bastante pertinente e ainda pouco explorado, vez que pretendemos realizar uma pesquisa, em que a contação de história envolva recursos diferentes dos que habitualmente são utilizados que é praticamente só o livro, visto que muitas vezes, a narração para criança é usada apenas como passatempo. No entanto, nós pedagogos, precisamos e devemos introduzir no ensino da Educação Infantil com mais frequência o conto das histórias e com múltiplas atividades retiradas delas, pois com isto trará muitos benefícios no desenvolvimento da criança.

É de suma importância na formação inicial do/a pedagogo/a, que o acesso às informações que foram investigadas, ocorra por meio de pesquisas já realizadas sobre o tema, bem como de autores e documentos que abordem a questão.

A pesquisa iniciou propondo uma pergunta, que aponta a temática estudada, esse caminho nos levou a vários outros, no qual tivemos a intenção de encontrar a resolução do problema. O referido tema necessitou ser estudado e aprofundado, e isso ocorreu a partir do questionamento: como a contação de histórias pode funcionar por meio do recurso pedagógico e promover o desenvolvimento infantil?

A partir da questão de pesquisa, temos como objetivo geral: Analisar as possibilidades que existem através do recurso pedagógico da contação de história. E como objetivos específicos: Identificar o prazer das crianças pela leitura desde o início da vida escolar; Analisar se ocorrem contos de histórias infantis no planejamento das aulas na instituição de ensino visitada durante a pesquisa; e Verificar se há trabalhos lúdicos acrescentados no conto da história.

Com base no exposto, este trabalho está organizado em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo apresentamos o interesse, questão de pesquisa e os nossos objetivos. O segundo capítulo contextualiza o trabalho com um breve percurso no contexto histórico da educação infantil no Brasil. O terceiro capítulo relata a importância de utilizar a contação de história como uma prática pedagógica na educação infantil. O quarto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na realização do estudo de campo. Seguido do quinto capítulo que apresenta as análises e discussão dos dados, onde a pesquisadora fez observações e questionamentos no campo de pesquisa. Ao finalizar apresentamos as considerações finais do trabalho.

2. UM BREVE PERCURSO NO CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, a mesma é ofertada em creches e pré-escolas, podendo funcionar em instituições públicas e privadas com o compromisso de proporcionar os cuidados necessários e educação para crianças de até cinco anos de idade.

A fim de obter a compreensão de como iniciou a história da Educação Infantil, far-se-á breves considerações através de um resgate histórico até os dias atuais.

Através da perspectiva da observação histórica, o educar e cuidar da criança era exclusivo da família. Segundo Paschoal e Machado (2009, p. 79) “era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura”.

Como percebemos a educação da criança durante séculos era especificamente responsabilidade da família, pois os mesmos tinham acesso ao conhecimento da cultura às quais pertenciam.

E com o nascimento das indústrias modernas, os costumes familiares foram totalmente modificados, mulheres de baixa renda precisavam dividir a carga horária de trabalhos com os homens e as operárias que eram mães não tinham com quem deixar seus filhos para trabalharem, e contratavam as conhecidas “mães mercenárias” (mulheres que vendiam seus serviços para cuidar dos filhos das que trabalhavam fora de casa).

Com o aumento de trabalhos para os pais nas fábricas em geral a procura por essas mulheres cuidadoras de crianças só cresceu, e surgiram outros tipos de serviços para cuidar dos mesmos, porém com a superlotação das crianças para uma única cuidadora e ainda despreparada para tal função foi então que começaram o descontrole de maus tratos com as crianças e com a falta que as mesmas sentiam de suas mães, tiveram como causa muitos transtornos que conseqüentemente gerou violências.

De acordo com Paschoal e Machado (2009, p. 80):

(...) os maus tratos e o desprezo pelas crianças tornaram-se aceitos como regra e costume pela sociedade de um modo geral. As mazelas contra a infância se tornaram tão comuns que, por filantropia, algumas pessoas resolveram tomar para si a tarefa de acolher as crianças desvalidas que se encontravam nas ruas.

De acordo com os autores esse ocorrido da sociedade de apropriar-se da responsabilidade de obter abrigo para com as crianças desamparadas, era meramente ver as ruas limpas sem os transtornos de sujeira feita pelas mesmas. Vejamos como são importantes pessoas preparadas para cuidar de crianças e locais adaptados para com seus cuidados.

A partir da segunda metade do século XIX, surgiram as instituições destinadas à primeira infância e foram classificados como modelos em diversos países europeus e seus objetivos eram a caráter pedagógico, já no Brasil a creche foi criada com caráter assistencialista, e para a melhor compreensão dessas diferenças, Paschoal e Machado (2009) afirmam que precisa de uma análise na sua particularidade, entre: “a trajetória desse nível de ensino no caso brasileiro e na relação que estabelece com o contexto universal” (PASCHOAL; MACHADO 2009, p. 82).

A referida diferença ocorrida no Brasil com a criação de creches com caráter assistencialista era para assessorar mulheres que trabalhavam fora de casa, viúvas desamparadas, dentre outras.

No final do século XIX, início das primeiras décadas do século XX que aconteceu a implantação de creches e jardins de infância no Brasil, foi que começou a assistência para crianças. Com o passar das décadas, os pequenos progressos passaram por muitos confrontos. Com o crescimento das indústrias e de mulheres trabalhando fora de casa às demandas de ocupações nas instituições de atendimento à infância só aumentaram. Ainda com Paschoal e Machado (2009, p. 84):

Ao longo das décadas, as poucas conquistas não se fizeram sem conflitos. Com o avanço da industrialização e o aumento das mulheres da classe média no mercado de trabalho, aumentou a demanda pelo serviço das instituições de atendimento à infância.

Mas esses serviços foram diferenciados, quando se tratava de classe popular ou média.

A assistência dos serviços ocorridos nas instituições infantis tinham diferenças, nas instituições públicas que atendia crianças mais populares, o sistema de tratamento era pensando apenas nas carências delas, já a proposta nas

instituições particulares era de natureza pedagógica e, também, com horário de atendimento desigual.

Ainda no início do século XX o ponto de vista da assistência científica está de acordo com as recomendações das instituições de educação popular conquistadas nos congressos e nas conferências internacionais, e já antecipava que o atendimento da pobreza não precisaria ser feito com muitas conquistas.

Kuhlmann Júnior (2000, p. 8) ao descrever as construções históricas da Infância, afirma que “a educação assistencialista promovia uma pedagogia da submissão, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social”.

A referida ação contribuiu para uma desigualdade educacional, tendo em vista que até meados de 1970 as instituições de educação infantil brasileiras passaram por um lento processo de desenvolvimento.

Durante o governo militar, o Ministério da Educação passa a se ocupar da educação pré-escolar que através do destaque II e III do Plano Setorial de Educação e Cultura (PSEC), buscava soluções e uma delas era combater os problemas da pobreza, nesse regime militar a proposta era atender crianças de forma barata. Segundo Kuhlmann Júnior (2000, p.11), era seria suficiente a criação de “Classes anexas nas escolas primárias, instituições que deixassem de lado critérios de qualidade ‘sofisticados’ dos países desenvolvidos, distantes da realidade brasileira”. Como percebemos a proposta do regime militar era evitar que os pobres morressem de fome ou até mesmo ingressassem na marginalização.

Kramer (2003, p.103) afirma que:

A marginalização é definida enquanto uma disfunção social: parte-se do princípio de falta ou carência de determinados atributos, e considera-se que tanto a integração quanto a modernização são formas de superação de uma dada situação de pobreza.

A sociedade tem sempre a preocupação de evitar essa marginalização, e luta por melhorias no meio da educação igualitária para todos.

Com o crescimento do trabalho feminino no setor da classe média, também aumentou a procura por instituições educacionais para seus filhos, sendo assim, o atendimento educacional em creches para crianças passou a ser cada vez mais requerido e reconhecido legal e socialmente, no entanto deixado de ser uma

exclusividade só para filhos de pobres. Sobre isso, Kuhlmann Júnior (2000, p. 11-12) descreve que:

O programa dos Centros de convivência Infantil, para atender os filhos de servidores públicos no estado de São Paulo, em várias secretarias; a conquista de creches em universidades públicas; a reivindicação em alguns sindicatos operários e do setor de serviços, como bancários, jornalistas, professores: eis alguns exemplos desse reconhecimento da instituição. Anteriormente não se pensava em generalizar a creche, destinada apenas às mães pobres que precisassem trabalhar. Não se cogitava de que mulheres de outra condição social pudessem querer trabalhar quando gerassem crianças pequenas, e, caso isso ocorresse, a solução deveria ficar no âmbito do doméstico, do privado.

Na metade do século XX, cabe ainda destacar que, segundo Oliveira (2002, p.102) as “creches e parques infantis que atendiam crianças em período integral passaram a ser cada vez mais procuradas não só por operárias e empregadas domésticas, mas também por trabalhadoras do comércio e funcionárias públicas”.

Como percebemos, com o crescimento da procura por instituições educacionais infantis independentes da classe social, algumas mudanças importantes iniciaram no sistema do ensino infantil, com as assistências legalizadas através dos documentos das políticas governamentais.

Logo após a década de sessenta foi aprovado em 1961 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, LDBEN, 1961), na qual foi incluído os jardins-de-infância no sistema de ensino.

A mencionada Lei estabelecia no Art. 23 que “a educação pré-primária destina-se aos menores de até 7 anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância”. E no Art. 24 que “as empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativas próprias ou em cooperação com poderes públicos, instituições de educação pré-primária”.

Apesar dos jardins-de-infância ter sido incluído em registro legal, o poder público ainda continuava com as mesmas ações oferecidas anteriormente. A educação da criança pequena começou a ser alterado a partir de 1964, pelo governo militar. De acordo com Oliveira (2002, p. 108):

Novas mudanças na Consolidação das Leis de Trabalho, ocorridas em 1967, trataram o atendimento aos filhos das trabalhadoras apenas como questão de organização de berçários pelas empresas, abrindo espaço para que outras entidades, afora a própria empresa empregadora da mãe,

realizassem aquela tarefa por meio de convênios. O poder público, contudo, não cumpriu o papel de fiscal da oferta de berçários pelas empresas. Assim, poucas creches e berçários foram nelas organizados.

O referido descaso da política educacional com a educação infantil ainda prosseguia, ou seja, havia um tratamento diferenciado dependendo da classe social na qual a criança estivesse inserida.

Portanto, só na década de oitenta que diversos setores da sociedade se uniram com mais força, e foram à luta por vários direitos sociais educacionais incluindo o direito para crianças a uma educação de qualidade desde o seu nascimento.

A garantia desse direito foi reconhecida a partir da Constituição Federal de 1988, quando a mesma afirma no Art. 208, inciso IV: “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de (...) a educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, CF, 1988, p. 122-123).

Sendo assim, as instituições infantis que apenas cuidavam das crianças, passaram também a desenvolver um trabalho educacional.

Outros documentos legais foram criados para garantir as crianças novas oportunidades de direitos, um destes foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). No qual se encontra prescrito no Art. 15, que:

A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis (BRASIL, ECA, 1990, p. 3).

Esse documento foi concretizado pelas conquistas promulgadas da Constituição Federal de 1988. Oliveira (2002, p.117) expõe a respeito desse assunto afirmando que: “A década de 90 assistiu a algum novo marco. Um deles foi à promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que concretizou as conquistas dos direitos das crianças promulgados pela Constituição”.

No ano de 1996 ainda pensando em uma educação de qualidade em creches e pré-escolas, foi aprovada uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei Nº 9.394/96, que constitui a educação infantil como etapa inicial da educação básica. Conforme garante no artigo 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, LDBEN, 1996).

Segundo Oliveira (2002, p.117), afirma que este documento é uma “conquista histórica que tira as crianças pequenas pobres de seu confinamento em instituição vinculadas a órgãos de assistência social”.

Dois anos após a aprovação da LDBEN, foi construído o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), esse documento teve como objetivo orientar as práticas educacionais de qualidade nos Centros de Educação Infantil. As características estabelecidas no referido documento (BRASIL, RCNEI, 1998a, p.13) destaca que, “Sua função é contribuir com as políticas e programas de educação infantil, (...) e apoiando as normas de ensino estaduais e municipais”.

O RCNEI é mais uma conquista para a educação infantil e foi criado para auxiliar na qualidade do ensino, principalmente como apoio educacional para as instituições públicas.

Em 1999, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução CNE/CEB nº 1, em 07 de abril. O referido documento instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 1999), conforme encontramos aprovado no Art. 1º “A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a serem observadas na organização das propostas pedagógicas das instituições de educação infantil integrantes dos diversos sistemas de ensino”.

Alguns anos após a DCNEI foi revisada e nova resolução foi aprovada, trata-se da Resolução CNE/CBE nº 5, de 17 de dezembro de 2009, menciona no Art. 5º que:

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, DCNEI, 2009, p. 1).

A DCNEI é mais um importante documento norteador das políticas públicas na área da Educação Infantil.

A busca da qualidade na educação abrange diversos pontos na área do ensino escolar, sendo assim, foi aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE),

através da Lei nº 10.172/2001 de 9 de janeiro de 2001, e sua vigência se estendeu por dez anos.

No tocante ao Plano Nacional de Educação (PNE) é destacado no diagnóstico para Educação Infantil que:

A educação das crianças de zero a seis anos em estabelecimentos específicos de educação infantil vem crescendo no mundo inteiro e de forma bastante acelerada, seja em decorrência da necessidade da família de contar com uma instituição que se encarregue do cuidado e da educação de seus filhos pequenos, principalmente quando os pais trabalham fora de casa, seja pelos argumentos advindos das ciências que investigaram o processo de desenvolvimento da criança (BRASIL, PNE, 2001, p. 5).

O PNE aprovou metas em vários setores educacionais, corroborando com muitas necessidades no âmbito da Educação Infantil.

Ainda pensando na qualidade do âmbito educacional, no ano de 2014, um novo PNE foi aprovado através da Lei nº 13.005, de 25 de junho, e tem como primeira meta:

Universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (BRASIL, PNE. 2014, p. 3).

As aprovações dos documentos do PNE trazem benefícios para diversos setores educacionais, uma delas é melhorar a qualidade do ensino em especial podemos citar a educação infantil. No entanto, segundo Paschoal e Machado (2009, p. 92), quando se fala na qualidade “é conveniente ressaltar que a qualidade tem muitas leituras e pode ser analisada sob diferentes perspectivas”. De acordo com as autoras a importância dessa qualidade não esteja apenas nos “documentos oficiais” ou “plano legislativo”, mas deve ser assumida por todos da sociedade.

Recentemente foi homologado um novo documento na política pública educacional, trata-se da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e as instituições públicas ou particulares, terão que construir seus currículos baseado no que estabelece a BNCC. Na organização curricular da educação infantil na BNCC (2017) encontramos sistematizados e fundamentados cinco campos de experiências a serem asseguradas para as crianças, são eles: “O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e

imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2018, p. 23).

Como percebemos muitos foram os avanços dos direitos da criança proclamados em legislação, contudo ainda encontramos retrocessos nos tempos atuais, nos cuidados com a criança nas instituições infantis.

Paschoal e Machado (2009, p. 90), ao descrever sobre o assunto citado acima afirmam que:

(...) se muitos foram os avanços previstos na legislação, inversamente, muitos retrocessos acompanham a trajetória histórica dessas instituições, já que, do ponto de vista prático, o trabalho realizado no interior de muitas delas se restringe mais aos cuidados físicos relacionados à higienização e à alimentação do que propriamente um trabalho voltado aos aspectos educativos (...).

Por isso que falamos em retrocessos porque no início da trajetória histórica de algumas instituições infantis é que acontecia esse trabalho assistencialista com as crianças, ao invés do trabalho educativo.

Ao falar sobre a qualidade do atendimento na Educação Infantil, precisamos também evidenciar a importância de ser um professor qualificado para tal etapa. A necessidade da formação de professores já estava sendo pensada desde o final dos anos de 1980 e ganhou força com a publicação da LDBEN, ou seja, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, LDBEN, 1996, p. 20) no Art. 62 afirma que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal.

Podemos destacar ainda que o professor da Educação Infantil não pode parar sua formação apenas na graduação, é necessário que ele continue a investir em formação continuada, para articular o conhecimento anterior com as capacitações atuais, deste modo é através desse investimento que o educador terá o conhecimento das atualizações educacionais, um exemplo são os recursos pedagógicos.

3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

A contação de história é uma arte milenar, no passado eram comuns os homens se reunirem ao redor de um contador de histórias e ouviam seus diversos contos e assim transmitiam suas culturas, costumes e imaginários populares. Segundo Tahan (1966, p. 24) afirma que até os dias atuais, “todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas”. Ainda a respeito desse assunto, Busatto (2012, p. 10) refere-se à pessoa do contador de história como “figura ancestral que ficava ao redor do fogo, ao pé da cama, contando histórias para quem quisesse ouvir, na maioria das vezes narrativas do seu povo que havia gravado em sua memória por meio da oralidade”.

Por muito tempo contar qualquer tipo (real ou inventada) de histórias ocorria de forma verbal, após o aparecimento da escrita surgiram histórias registradas, porém com o passar dos anos chegam novos meios de contar, ouvir ou visualizar histórias, por meio de cinema, televisão, computador e multimídia.

Dessa forma as imagens passaram a ser frequentemente utilizadas nas contação de história, no entanto o ato de contar história através das palavras não ficou no esquecimento. O importante é que temos mais opções de ouvir ou visualizar histórias, ainda citando Tahan (1966, p.16):

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos.

Nesse sentido, a autora valoriza a contação de história independente da classe social ou econômica do indivíduo, na verdade o conto só precisa ser contado de forma criativa e atraente, ou seja, trazer vida para cada história.

Contar história na educação infantil traz muitos benefícios para o desenvolvimento da criança, alguns deles são: estimular sua imaginação, despertar a curiosidade e desenvolver a autonomia de pensar e, conseqüentemente, mudará o agir de suas ações. Portanto, vemos o quanto é importante contar histórias para crianças, porém não apenas a elas, mas sabemos que os adultos também se agradam de uma boa história. De acordo com Abramovich (1993, p. 22):

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças).

O ato de ouvir ou assistir uma história é instigante a todos os sujeitos, em especial a criança que está no processo de desenvolvimento físico e mental. Descreve Abramovich (1993, p. 24) que: “Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... o livro da criança que ainda não lê é a história contada”.

Ainda com a autora Abramovich (1993, p.16) que afirma a respeito das histórias contadas para crianças:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo (...).

Como percebemos a contação de história é uma ferramenta que deve ser inserida desde o início da vida escolar, é através da mesma que a criança tem o primeiro contato com o mundo literário, conseqüentemente, poderá tomar gosto pela leitura.

A escuta de histórias não é apenas um momento de prazer e sim uma construção de conhecimentos. Conforme se encontra nas orientações didáticas do RCNEI (BRASIL, 1998c, p.135) que: “além da conversa constante, o canto, a música e a escuta de histórias também propicia o desenvolvimento da oralidade”.

Ao ouvir histórias a criança começa a sentir emoções significantes para sua vida, como tristeza, raiva, medo, insegurança, alegria, bem estar, tranquilidade, dentre muitas outras. Ler história para criança é aguçar sua imaginação.

A contação de história pode ser um instrumento de trabalho utilizado pelo professor na sala de atividade e, também, fora dela, e é um recurso pedagógico importante para o desenvolvimento da criança.

Através do recurso da contação de história o professor poderá trabalhar múltiplas atividades retiradas do conto e acrescentar em seu planejamento de aula, mas as mesmas precisam ser adequadas à faixa etária da sua turma.

De acordo com Tahan (1966, p.142):

As narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com o máximo de interesse e maior eficiência.

E segundo Abramovich (1993, p.17):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Como percebemos as autoras tem diferentes concepções teóricas a respeito de utilizar atividades retiradas da contação de história para lecionar.

Aqui neste trabalho foram as concepções teóricas de Tahan que orientaram a nossa pesquisa de campo.

O contador de história é um intercessor da leitura, logo o professor que utiliza essa prática de contar história tem o dever de escolher o conto com qualidade.

Ao praticar a leitura para as crianças o professor deve levar em conta a qualidade literária do texto e permitir o contato com os mais diferentes gêneros da literatura, sem se preocupar se o texto é curto ou se suas palavras são mais simples, pois isso pode empobrecer a perspectiva de uma rica literatura.

É apreciável que o professor faça leituras de diferentes palavras que são consideradas difíceis para as crianças e não se preocupar em colocar apenas as palavras conhecidas como familiares. “A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (BRASIL, RCNEI, 1998c, p. 145). Logo um bom texto terá várias versões e isso enriquecerá o conteúdo da leitura.

Desde o início da vida escolar o professor da Educação Infantil pode e deve utilizar o conto de história, os livros podem ser de imagens com ou sem textos, lembrado que as imagens e textos, quando houver, devem ser de acordo com a faixa etária da criança.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, RCNEI, 1998c, p.141), estabelece que:

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura.

Portanto, vemos o quanto é significativo ler histórias para crianças que ainda não dominam a leitura. E isso pode ser explorado também de forma lúdica através de fantoches, dedoches entre outros, pois sua narrativa permitirá a criança um melhor desenvolvimento da compreensão textual, a variedade de tipos de histórias também deve ser considerado.

Segundo Tahan (1966), a contação de histórias favorece a aprendizagem de novos conhecimentos, sobre “animais, plantas, natureza, ciências e artes”. Sendo assim, podemos introduzir vários temas nos trabalhos pedagógicos da contação de história, porém quando se tratar do trabalho com a ludicidade poderá ser utilizado um por vez. Contos realizados de forma lúdica podem ter apenas um tema com o objetivo de gerar histórias a serem contadas por meio de expressões corporais, brincadeiras, unindo a imaginação e a criatividade.

Esse trabalho não deve ser feito apenas pelo professor e sim aproveitando o que propõe a criança, vejamos conforme o que está descrito no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, RCNEI, 1998a, p. 27): “Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca”. No entanto, se a brincadeira não se encaixa na situação da aprendizagem, cabe ao professor explicar como pode ser feito.

Portanto, para um melhor desenvolvimento no trabalho do professor com a ludicidade é preciso que ele conheça bem a criança e que acrescente diversas brincadeiras para auxiliar no desenvolvimento da criança.

A criança é o centro do planejamento nas propostas pedagógicas da Educação Infantil e encontramos na Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura.

O professor pode e deve incluir em seu planejamento curricular diversas leituras, porque ele estará formando futuros leitores e escritores, e as literaturas infantis trazem às crianças um meio de diversão e interação sem falar que o

professor deve trazer o incentivo de praticar leituras. Podemos encontrar no RCNEI (BRASIL, 1998c, p.135): “O ato de leitura é um ato cultural e social”.

Quando os professores leem para as crianças na educação infantil eles estarão oportunizando o conhecimento de mundo, trazendo o desenvolvimento no pensar e entender as coisas que se encontram em outras culturas e com isso podendo relacionar, com a qual eles pertencem.

No tocante ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL, 1998c, p.143):

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Assim sendo, é de suma importância o acesso à boa literatura, que traga sempre informações de diversas culturas e auxiliando nos primeiros sentimentos de valores da criança, e alimentando o crescimento da sua imaginação. Portanto, tem como finalidade de estimular o prazer pela leitura. Não deixando de fora o ambiente, na qual se faz a leitura, pois deve ser agradável.

3.1 O CANTINHO DA LEITURA NAS INSTITUIÇÕES INFANTIS

É comum chegar a algumas instituições infantis de pequeno porte e encontrar um espaço na própria sala de atividade, chamado “cantinho da leitura”, muitas vezes construído pela própria professora da turma, esta ação tem como finalidade proporcionar as crianças momentos de leituras com mais frequência.

Já as instituições de porte maior possuem sala de leitura ou biblioteca e esse local precisa estar organizado, fazendo com que as crianças queiram voltar ao lugar. O espaço da leitura deve ser de acesso facilitado e a altura da criança onde necessita ter regras, os livros devem ser cuidados de forma geral com regularidade. Toda essa solicitação é para proporcionar interação à criança trazendo-a autonomia.

A arrumação do “cantinho da leitura” depende muito da proposta pedagógica da creche ou pré-escola, em muitas dessas instituições são formados diversos cantinhos em seu interior. Para Oliveira (2002, p.195) a organização institucional:

Tem sido muito valorizada a organização de áreas de atividade diversificada, os “cantinhos”- da casinha, do cabelereiro, do médico ou dentista, do supermercado, da leitura, do descanso – que permite a cada criança interagir com pequeno número de companheiros possibilitando-lhe melhor coordenação de suas ações e a criação de um enredo comum na brincadeira, o que aumenta a troca e o aperfeiçoamento da linguagem.

O “cantinho da leitura” proporciona a criança uma familiarização com os livros, deixando também o ambiente mais agradável com as imagens coloridas, e materiais didáticos, pois hoje em dia há um projeto que fornece alguns materiais pedagógicos para tal função.

O Ministério da Educação trabalha com programas que proporcionam instrumentos na área da Educação, um desses é o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa-PNAIC, que foi aprovado através da Portaria Nº 826, de 7 de julho de 2017. Algumas ações foram desenvolvidas no referido documento e nele podemos encontrar no Art.2º - § 2º a seguinte ação:

As ações do PNAIC terão como foco os estudantes da pré-escola e do ensino fundamental, cabendo aos professores, coordenadores pedagógicos, gestores escolares e gestores públicos uma responsabilidade compartilhada no alcance do direito da criança de escrever, ler com fluência e dominar os fundamentos da Matemática no nível recomendável para sua idade (PNAIC, 2017, p. 2).

O PNAIC é um programa que contribui com a equipe pedagógica e gestores públicos para estarem comprometidos a alfabetizar a criança até os oito anos de idade que estejam no final do 3º ano do ensino fundamental. O programa também tem como objetivo reduzir a distorção idade-série na Educação Básica, melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e favorecer na atuação dos professores.

O programa também disponibiliza livros didáticos, obras pedagógicas e vários outros benefícios para melhoria na qualidade do Ensino Educacional.

Não é apenas dever do Estado e da escola estarem empenhados no processo do desenvolvimento educacional da criança, mas a família também tem seu papel em colaborar, dando reforço nas orientações das atividades que o professor passar para casa e também, acrescentando leituras infantis no dia a dia de sua criança, com o objetivo de estimular a serem bons leitores, principalmente as crianças na Educação Infantil que se encontram no início do seu desenvolvimento.

O ato de ler para crianças estimula a imaginação da mesma, levando-as para o mundo entre o fictício e o real e isto beneficiará o desenvolvimento escolar e social das crianças, pois se elas aprendem a usar o imaginário através do conto de histórias, seu desempenho na sociedade será muito mais fértil, uma vez que seu cognitivo será trabalhado para todas as áreas de sua vida. Segundo Rodrigues (2005, p. 4):

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

Assim sendo, a contação de história remete não só a conhecimentos, mas aos valores na formação do desenvolvimento da criança.

Encontramos registrado no documento do RCNEI (BRASIL, 1998a, p. 21) que: “A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico”. É fundamental o âmbito em que vive a criança, pois é através das interações sociais e familiares que elas se desenvolvem.

O processo de construção do conhecimento da criança é também relatado no RCNEI (BRASIL, 1998a, p. 21-22) que afirma:

As crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

Todas as crianças têm seu jeito particular individual de ser, compreender e reconhecer. E com isso a Educação Infantil e seus profissionais tem um grande desafio a desvendar.

As instituições infantis precisam estar preparadas para receberem as crianças e suas particularidades. Assim sendo, será muito provável alcançarem um trabalho positivo para educação da criança.

Ainda segundo o RCNEI (BRASIL, 1998a, p.23) ao falar de educar a criança na instituição infantil, relata que:

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Logo as realidades sociais e culturais das crianças precisam estar associadas ao o uso dos diversos procedimentos pedagógicos para o trabalho com o desenvolvimento infantil nas instituições escolares.

Portanto é de suma importância começar com a leitura logo cedo e o recurso da contação de história precisa ser inserida nas práticas pedagógicas das instituições infantis. Desse modo nós pedagogos podemos contribuir para formar um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade.

4. TRAJETO METODOLÓGICO

Este trabalho trata do tema da contação de história como recurso pedagógico no desenvolvimento da criança na Educação Infantil e foi desenvolvido a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.70), quanto à abordagem qualitativa afirmam que “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”.

A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva, tendo a finalidade de analisar os fatos do tema proposto. De acordo com Gil (2008, p.27) na pesquisa de natureza exploratória “quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, (...)”. Assim como, também afirma Prodanov e Freitas (2013, p.52) que a “pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos”.

Referente à pesquisa descritiva, Prodanov e Freitas (2013, p.52) esclarecem que “tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dado, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador”.

Sendo assim, este trabalho se constituiu na realização de um estudo de campo que envolveu determinadas ações pedagógicas na educação infantil. Pois sabemos que os sujeitos pesquisados fazem parte de um contexto educacional e que necessitam trabalhar de forma dinâmica e com qualidade.

A pesquisa aconteceu em diferentes fases, onde iniciou com a revisão do projeto. Prosseguiu com a definição do local de pesquisa que ocorreu em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), da rede Municipal de João Pessoa, tendo por justificativa a realização do local, de ser próxima a casa da pesquisadora.

A terceira fase se deu com o pedido de autorização na Prefeitura Municipal de João Pessoa para realização da pesquisa no CREI, pedido esse autorizado.

A quarta fase foi a revisão da literatura, onde fizemos a construção dos capítulos, embasados através de Documentos Legais, Livros, Artigos e Legislações.

Os instrumentos da coleta de dados foram produzidos na quinta fase, com a elaboração de três questionários, que se apresentam em duas partes: uma de perfil e a outra com questões abertas, que consistem em torno de nove perguntas. Tem como finalidade de proporcionar uma maior liberdade de expressão aos entrevistados que foram Gestora, Professora e Monitora. E também através de

observações sistematizadas na instituição, da turma escolhida, atividades realizadas pela professora e criança, a fim de obter conhecimentos do que deve ser observado.

De acordo com Andrade (2007, p.137):

As perguntas abertas dão mais liberdade de respostas, proporcionam maiores informações, mas têm a desvantagem de dificultar muito a apuração dos fatos. Dificilmente perguntas abertas podem ser tabuladas e precisam ser agrupadas, por semelhança, para serem analisadas.

Nossas intenções, com a construção das perguntas abertas, foram para permitir aos sujeitos de pesquisa responderem de forma livre. De acordo com a defesa da autora citada acima, ao longo das análises dos questionários, encontramos muitas respostas semelhantes.

Ainda com Gil (2008, p.100), “A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”.

Na sexta fase aconteceram as visitas ao Campo de pesquisa (CREI) que ocorreram em oito vezes no total.

A sétima fase foi com a análise e discussão dos dados, a partir dos instrumentos elaborados, com esses dados coletados obtivemos a organização de informações juntamente com a triagem do material bibliográfico, para contemplar o objetivo desse trabalho. Mais uma vez vejamos o que diz o autor Gil (2008, p.156): “A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”. Após toda organização e dados alcançados, relacionamos com os estudos teóricos realizados.

É importante destacarmos ainda que a intenção das regras éticas, no qual reconhecemos que sejam respeitadas, com isso assumiremos como parâmetro a Resolução 510/2016, conforme preconiza o Conselho Nacional de Saúde- CNS. Ressaltamos ainda, que o anonimato dos sujeitos e da instituição será preservado e quaisquer outros meios que venham causar constrangimentos aos participantes da pesquisa e esclarecimentos perante a instituição de ensino, quanto às informações reveladas.

5. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS NO CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa foi um CREI, localizado no bairro de Mangabeira, cidade de João Pessoa/PB, nas visitas observaram-se várias situações que colaborou com os dados que se propôs pesquisar, uma dessas foi com a caracterização do CREI. A instituição funciona desde setembro de 1993, e era gerida pelo Governo da Paraíba e passou a ser da Prefeitura Municipal de João Pessoa no ano de 2014, o atual prefeito fez uma reforma em todo o prédio para melhorar a qualidade e dar mais conforto às crianças matriculadas na instituição que funciona em tempo integral.

A faixa etária das crianças é de 02 a 5 anos e meio, contendo turmas: do maternal I com (20) crianças, maternal II com (25) crianças, Pré- I (a) com (25) crianças, Pré- I (b) com (25) crianças e Pré-II com (28) crianças, totalizando 123 (cento e vinte e três) matriculadas e frequentadoras.

Na entrada do CREI, tem um pátio coberto onde os pais e responsáveis podem deixar e esperar as crianças.

Os ambientes da instituição são bem ventilados, tanto com a ventilação natural, como em todas as salas tem ar condicionado e ventiladores, é bem iluminado com janelas e algumas portas de vidro que dá para o solário, quando necessário são abertas, as salas amplas, há uma considerável quantidade de crianças.

As cores das paredes são leves, ou seja, são beges e rosa com diversas decorações infantis, a sala que fizemos a pesquisa suas paredes também são bem decoradas com bonecos e bonecas, um grande cartaz com o poema “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles, atividades realizadas com as crianças, desenho de árvores e flores, calendário feito manualmente com decorações infantis, cantinho da leitura com vários livros infantis e um painel com o nome das crianças que vieram no dia, onde é chamado de “chamada diária”. Esses símbolos que decoram os ambientes do CREI são muito importantes para estimular a imaginação infantil. De acordo com Oliveira (2002, p.193) defende que:

O ambiente das creches e pré-escola pode ser considerado como um campo de vivência e explorações, zona de múltiplos recursos e possibilidades para criança reconhecer objetos, experiências, significados de palavras e expressões, além de ampliar o mundo de sensações e percepções.

Como vemos a decoração do ambiente na instituição infantil, serve de recurso no desenvolvimento das crianças e o educador precisa planejar essa ação na sua proposta pedagógica. Foi observado que a professora da sala pesquisada trabalha sim com a decoração de sua sala de atividade.

A setorização dos ambientes dessa instituição não é como as novas construções dos Centros de Referências em Educação Infantil da Prefeitura Municipal de João Pessoa, pois como já foi mencionado é uma estrutura antiga, porém reformada com muitas coisas, menos a estrutura do prédio. São cinco salas de atividades, um solário grande, onde a porta de vidro de saída e entrada dá para a sala de atividade que visitamos, este solário é descoberto e todas as manhãs as crianças brincam neste espaço. Tem apenas uma cozinha, bem estruturada e toda a alimentação é feita nela, fica um pouco distante das salas de atividades como o determinado, pois a cozinha exige uma atenção maior de cuidados com as crianças. São cinco banheiros, dois deles são de fácil acesso com a estrutura adaptada para o uso das crianças, na parte do banho o piso tem um carpete antiderrapante, os outros três são para o uso dos adultos. Tem uma sala de Direção que funciona também a secretaria.

Não tem sala para professores, a sala de vídeo é no pátio coberto, todos os dias é usada por turmas divididas, uma sala de refeitório ventilada com duas grandes mesas e bancos do mesmo tamanho de madeira com o comprimento adequado para as crianças, sempre é feito a divisão das turmas para se alimentarem.

Os mobiliários das salas, a meu ver são adequados, pois são mesas e cadeiras em tamanhos menores para as crianças, podendo ser manejados por eles; com prateleiras e armários baixos na altura que as crianças possam pegar os objetos ali colocados como, por exemplo, materiais pedagógicos dentre outros.

Ainda segundo Oliveira (2002, p.197), “os armários, dispostos em locais acessíveis as crianças, permitem-lhes buscar e guarda materiais, trabalhando a autonomia”.

No tocante ao RCNEI (BRASIL, 1998a, p. 71), que também relata acerca da importância da acessibilidade dos materiais para as crianças na organização institucional que, “os brinquedos e demais materiais precisam estar dispostos de

forma acessível às crianças, permitindo seu uso autônomo, sua visibilidade, bem como uma organização que possibilite identificar os critérios de ordenação”.

Tanto a autora quanto o documento, defendem que a permissão de manejar os objetos de tamanhos adequados às crianças, permite autonomia a eles e consequentemente favorece em seu desenvolvimento.

No CREI os equipamentos de uso didáticos são uma TV, um vídeo, um computador, um micro system e uma máquina de Xerox.

O quadro de profissionais atuante na instituição é composto por: 01 (uma) gestora, 06 (seis) professores (sendo um de Educação Física), 01 (uma) secretária, 03 (três) auxiliares de serviços, 02 (duas) cozinheiras, 04 (quatro) vigilantes, 05 (cinco) auxiliares de sala e 01 (uma) cuidadora.

Os materiais pedagógicos utilizados no CREI são: cola, cartolina várias cores, papel crepom, papel ofício, celofane, EVA, TNT, lápis de cor, lápis de cera, lápis grafite, borracha, apontador, bexigas, tesouras, caderno comum, caderno de desenhos, etc.

A professora falou que esses materiais são em poucas quantidades, pois a verba para determinado uso demora chegar e quando chega a compra dos materiais não é de acordo com a quantidade suficiente de crianças na instituição.

O CREI tem um Projeto Político Pedagógico (PPP) e foi elaborado com a participação da diretora, todo corpo docente e funcionários. No referido projeto ocorre atualizações anuais e nelas são ouvidos também os pais através de reuniões.

O planejamento pedagógico é feito a cada quinze dias com a participação da diretora, secretária escolar e professoras, as monitoras e cuidadora participam do planejamento mensal.

A respeito da avaliação no desenvolvimento das crianças é de forma contínua com observações na chegada deles no início do ano, durante o meio do ano e no final do ano e para tal propósito são desenvolvidos quatro projetos a serem trabalhados com as crianças. Os projetos têm como tema: Identidade e Autonomia, Natureza e Sociedade, Arte e Cultura e Ética e Cidadania. A ordem de qual tema trabalhar fica a critério dos profissionais de cada instituição Infantil, e cada projeto tem a duração em média de dois meses. Esses projetos são estabelecidos pelo setor de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de João Pessoa, e lá no CREI são desenvolvidos diversos trabalhos pedagógicos associados ao mesmo. Sempre

finalizam com uma culminância ao seu término. Essas informações foram passada pela gestora.

O CREI segue uma rotina para os cuidados e ensinamentos das crianças, e para que isso aconteça de forma sistematizada, foi elaborado um quadro com horários do que deve ser realizado com as crianças, pela coordenação da instituição. Cada turma tem o seu de acordo com suas necessidades. O quadro informativo fica colado perto da porta de entrada das salas. Será exibido abaixo um modelo do mesmo, observado pela pesquisadora na sala de atividade, escolhida para pesquisa.

Quadro 1: Quadro de Rotina do Pré II

HORÁRIOS	ROTINA
7:00 h	Acolhida
7:30 h	Café da manhã
8:00 h	Roda de conversa
9:00 h	Atividades dirigidas
9:30 h	Atividade ao ar livre
10:00 h	Banho
10:30 h	Almoço
11:15 h	Escovação dos dentes
11:30 h	Repouso
13:30 h	Lanche
14:00 h	Atividades dirigidas
15:00 h	Atividade ao ar livre (pátio e/ou recreio coberto)
15:30 h	Banho
16:30 h	Jantar
17:00 h	Saída

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir das observações na sala de atividade pesquisada, 2018.

Segundo a professora, essa rotina serve como base de orientação para os educadores seguirem, mas algumas vezes a sequência de horário é modificada de acordo com a necessidade diária da criança.

O RCNEI (BRASIL, 1998a, p.54), defende a questão da organização do tempo, afirmando que, “a rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças”. Portanto mais um cumprimento que o CREI, respeita e utiliza das orientações do referido documento.

Durante as visitas de observações ao campo de pesquisa, foram presenciadas várias experiências, e algumas delas ocorreram na turma escolhida para realização da pesquisa, no Pré-II. Nessa sala de atividade tem duas meninas que são gêmeas, uma é muito alegre, interage com as outras crianças, se alimenta bem direitinho, é amável com todos, muito atenciosa e participa das atividades proposta; porém sua irmã é conhecida no CREI como seu inverso, está sempre pelos cantos muito calada, quase não brinca, nunca quer nada, principalmente os alimentos, fica sempre sentada na cadeira; ela presta atenção nas atividades, porém não participa e também não expressa alegria (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Então comentamos com a professora sobre a menina, e a mesma nos confirmou que realmente ela é o inverso da outra e que não se preocupasse com ela, pois “essa menina tem o próprio mundo dela” (palavras da professora).

Entendemos que a criança aparentemente triste precisa de mais atenção, sempre que chegamos à sala dessas meninas falávamos com todas as crianças, no entanto tinha uma atenção maior com a mesma, dando carinho, perguntávamos se queria água, na hora da alimentação o prato era posto em sua frente, mas só olhava a comida e deixava tudo, oferecíamos dar a comida em sua boca, mesmo não sendo o procedimento da instituição, no entanto a criança como sempre rejeitava quase tudo que oferecíamos, apenas às vezes alimentava-se com os lanches. A professora alegou que não tinha tempo de dar muita atenção para ela e deixava pelos cantos com sua tristeza (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Na penúltima visita ao CREI, ficamos muito emocionadas, ao chegarmos à menina correu para nossos braços e falou: “tia você chegou”, recebemos ela com muito carinho e percebemos que estava mais alegre. A professora ficou boba e disse “você a conquistou”. Nesse mesmo dia ela também aceitou comer um pouco a mais, depois só queria estar ao nosso lado, assim como outras crianças (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Conforme o RCNEI (BRASIL, 1998a, p. 22), vejamos o que afirma sobre a construção do conhecimento da criança:

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de

ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.

Portanto essa experiência nos ensinou a importância de procurar entender um pouco a mais das crianças, dando-lhe mais atenção e carinho e se necessário procurar ajuda com profissionais da área que necessita, pois não sabemos o que se passa na mente ou até mesmo em suas casas.

Quanto à atitude da professora a respeito de como reagiu com a criança, preferimos entender que são muitas crianças da mesma faixa etária para os cuidados de apenas duas pessoas (professora e monitora).

Em meio das observações, foi visto que o “cantinho de leitura” tem em todas as salas da instituição e com vários livros infantis, na altura específica para as crianças terem acesso ao mesmo.

Após algumas visitas na sala que ficamos ocorreu mais um relato, uma criança pegou um livro no “cantinho de leitura” e se aproximou até a pesquisadora pedindo que fizesse a leitura e como estava na hora do banho deles a monitora pegava de três em três crianças e levavam para o banheiro, as outras ficam brincando na sala com a professora esperando sua vez, foi quando ocorreu esse fato e fizemos a leitura. Ao terminar ela pegou mais um livro e outras crianças se aproximaram para ouvir, foi quando chegou a vez do banho dessa menina, portanto paramos com a leitura e após o banho vem o almoço e depois o descanso para todas as crianças (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

No planejamento das aulas desse CREI, é acrescentado a contação de história, segundo a gestora em todas as salas de atividades é incluso o conto que acontece dentro da aplicação dos projetos enviados pela Prefeitura, conforme já citado. No período que a pesquisadora passou no CREI, as professoras estavam na aplicação do “Projeto Arte e Cultura”, é dentro desse projeto que se constroem a realização dos trabalhos pedagógicos, que ocorrem através do planejamento da instituição.

Como já foi mencionado, o total de visitas da pesquisadora ao CREI se deu em oito vezes e dentro dessas, foram observados uma média de quatro trabalhos com o recurso da contação de história na sala do Pré-II.

Em uma das visitas ao CREI, foi presenciada com a contação de história sobre os cuidados que devemos ter no trânsito, a professora fez uma roda no meio da sala com as crianças sentadas no chão e contou uma história fictícia, porém com

fatos reais, onde uma mãe que levou dois filhos ao shopping em seu carro e pediu que eles colocassem o cinto de segurança e no caminho quase atropela um cachorro, enfim a educadora detalhadamente falou sobre o trânsito e seus cuidados (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Diante da história contada, as crianças ouviam atentamente e responderam algumas perguntas feitas, relacionadas ao contexto já visto durante o projeto que estava sendo executado no período. E quando terminou a contação de história ela pediu que todas as crianças desenhasssem no caderno de desenho o que mais chamou a atenção deles sobre o que ouviram.

Os desenhos que as crianças fizeram tinha relação com o que foi ouvido na história e aprendido ao longo do projeto, assim como: o sinal de trânsito, faixa de pedestre, carro, moto, cinto de segurança, capacete e dentre outros. Depois teve Educação Física e prosseguiu com a rotina diária das crianças no CREI.

A outra contação de história foi um conto também fictício, que teve como título o “Casamento da Dona Baratinha”, a professora se caracterizou com roupa preta, fita no cabelo e uma caixinha com dinheiro, esses objetos fazem parte da história. Depois ela colocou um lençol de cama no chão da sala de atividade e pediu que todas as crianças da sala sentassem no lençol, simulando uma plateia. E com as cortinas da sala ela fez um cenário para contar a história.

Nesse conto ela escolheu quatro crianças para participar da história, pintou seus rostinhos com tinta guache, fazendo desenho de bichos como: boi, leão, bode e rato (o pretendente que casou com Dona Baratinha), esses detalhes que a professora organizou para contar a história teve a finalidade de possibilitar o desenvolvimento da imaginação dessas crianças. Desse modo foi possível observar a emoção que elas sentiam. Oliveira (2002, p.162) afirma que:

A imaginação desenvolve-se por toda vida, Ela é livre, embora ainda pobre na criança, ao passo que o adulto, por ter uma experiência mais diversificada, pode experimentar uma função imaginativa extremamente rica e madura. Há recíproca vinculação entre imaginação e emoção.

Neste sentido, percebeu-se que quando a professora se caracterizou e envolveu algumas crianças como personagem, ela teve a intenção de trabalhar a imaginação dessas crianças.

No momento do conto as crianças ficaram encantadas se divertiram muito, quando começou a história, três delas se levantaram e começaram a brincar no

fundo da sala, mas no decorrer da história quando os participantes do conto fez sua apresentação os que estavam dispersos, correram e se sentaram no lençol para assistir. Ao terminar o conto, fomos para o solário onde todos da turma do Pré I e II, brincam juntos, logo após seguiu com a rotina diária das crianças no CREI.

No dia seguinte a professora solicitou uma atividade para sua turma, foi uma construção de palitoche com as carinhas dos bichos participantes da história contada anteriormente, foi solicitado que as crianças pitassem os desenhos, recortasse e colasse no palito de picolé. A atividade fazia parte do projeto (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Na construção dessa atividade observamos a interação das crianças, onde a todo o momento eles falavam do conto que ouviram dizendo quem foi cada bicho e como os bichos fazem. A professora fez sua narrativa de forma lúdica, pois tanto no momento da história como nas atividades realizadas, eram feitas com brincadeiras possibilitando as crianças se divertirem e ao mesmo tempo adquirindo conhecimentos educacionais. Logo depois seguiu com a rotina diária deles.

O terceiro conto que presenciamos, aconteceu na sala de atividade do pré II, a professora deles convidou a turma do pré I para assistir sua apresentação, onde todas as crianças sentaram no chão. O tema do conto foi “a princesa que seu pai queria que fosse uma palhacinha” era uma história fictícia. A professora se caracterizou com as roupas dos personagens, primeiro de princesa, depois de palhaço que se chamava “Bololo”. No meio da apresentação ela sempre brincava com as crianças trocando de máscara, roupas e até perucas. As duas turmas assistiam com seus olhares atentos, também sorriam bastante. Ao terminar o conto a professora do pré I, voltou com as crianças para sua sala e a turma do pré II continuaram, elas pediam a professora para colocar as máscaras e perucas usadas nos personagens, e sem solicitar eles imitavam a professora fazendo a contação. Logo depois a professora chamou duas crianças e colocou-as sentados na cadeira no centro da sala, pedindo que uma pintasse o rosto da outra com tinta adequada para pinturas na pele, e os desenhos que eles faziam eram sempre simulando a maquiagem do palhaço, que por sinal diziam que era o mesmo do conto “Bololo”, assim ocorreu com as vinte crianças que vieram nesse dia.

Abramovich (2003, p.17) afirma “que ler histórias é suscitar o imaginário”, um exemplo foi o que aconteceu nesse conto, às crianças começaram a se colocar no lugar do personagem fazendo o mesmo que eles ouviram a contadora narrar e

também quando foi solicitado a eles que pintassem os rostos um dos outros, não foi pedido um desenho específico, mas todos pintavam o palhaço da história que eles tinham acabado de assistir, esta ação a professora fez como uma atividade pedagógica para saber se as crianças adquiriram alguns conhecimentos.

A mesma comentou que “como era importante ler história para as crianças, pois faz o aflorar da imaginação deles”. Nesse mesmo dia as crianças tiveram banho de piscina armada de plástico, e depois seguiram com a rotina diária deles.

O quarto e último conto presenciado foram em forma de teatro, era o dia da culminância do projeto “Arte e Cultura” e todas as crianças do CREI, foram para o pátio coberto, que estava decorado com os trabalhos realizados durante o projeto, as paredes com cartazes e nas mesas com exposições de dedoches, fantoche, maquete de locais que visitaram exemplo: o Parque Sólon de Lucena (Lagoa - João Pessoa), dentre vários outros trabalhos pedagógicos construídos por professoras, crianças e alguns profissionais da área educacional.

Referende ao trabalho coletivo nas instituições infantis, podemos encontrar respaldo no RCNEI (BRASIL, 1998a, p.66):

A elaboração da proposta curricular de cada instituição se constitui em um dos elementos do projeto educativo e deve ser fruto de um trabalho coletivo que reúna professores, demais profissionais e técnicos.

Sendo assim, observamos que a instituição pesquisada, tem sua proposta curricular orientada no referido documento.

Nesse dia houve uma apresentação do Maternal I, onde quatro crianças e sua professora fizeram uma apresentação ora a professora narrava à história, ora tinha música e as crianças interpretaram uma Flor, um Rei, o Tempo e uma Bruxa, e as demais crianças dessa sala, simulavam a grama com tiras de TNT, de cor verde (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Depois teve uma apresentação de Teatro com todas as professoras, onde quatro delas colocaram uma máscara de bichos e uma era a personagem da baratinha, a história foi à mesma que a pesquisadora assistiu na sala de atividade, só que lá foi apenas com o Pré II com participação das crianças, e não tinha o mesmo cenário construído dessa vez. As professoras interpretaram o conto, todas caracterizadas e com brincadeiras, as crianças e os funcionários que assistiam se divertiam bastante. E ao término desse teatro colocaram música do cantor

homenageado no Projeto “Arte e cultura” que foi Pinto de Acordeom, e todas as criança, professores, monitoras, gestora, cozinheiras e dentre outros, que estavam participando e assistindo a culminância, se juntaram no meio do pátio e começaram a dançar.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos também três questionários, que foram respondidos pela Gestora, Professora e Monitora da instituição pesquisada. Os profissionais da educação infantil foram convidados a responder perguntas que possibilitaram informações importantes para nossa pesquisa.

As faixas etárias dos sujeitos entrevistados estão entre trinta e três a quarenta e três anos. Todas são do gênero feminino, e o vínculo empregatício com a instituição é através de contratado. Informaram que iniciaram suas profissões educacionais na Educação Infantil, e tem como tempo de serviços entre três a vinte e dois anos. As formações são no Ensino Médio, Ensino Normal (Pedagógico/Magistério), Superior (Letras e Pedagogia) e Pós-Graduação (Supervisão e Orientação).

De acordo com as perguntas dos questionários para as profissionais mencionadas acima, iniciou-se perguntando se achavam importantes a contação de história na Educação Infantil. Essas foram às respostas:

Sim, a contação de história faz a criança viajar no conhecimento do mundo da imaginação, despertando sua curiosidade (Gestora).

Sim, a contação de história na Educação Infantil é extremamente importante, pois desperta na criança a imaginação e aguça a curiosidade (Professora).

Sim, é muito importante, pois interagem e criam suas personagens usando sua imaginação brilhante (Monitora).

Percebemos que a fala das três profissionais são semelhantes, elas concordam que é importante o recurso da contação de história para Educação Infantil e que a prática desenvolve a imaginação e desperta a curiosidade das crianças.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL, 1998c, p.135), destaca a importância de como praticar e contar história na sala de atividade da Educação Infantil.

Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construir um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita.

Por isso a importância da contação de história para criança desde cedo, pois irá despertar a curiosidade deles pelos livros e, conseqüentemente, formará um leitor.

Quanto à pergunta sobre se a contação de história é acrescentada no planejamento da instituição, obtivemos como respostas o seguinte:

Sim, no planejamento quinzenal, dividimos os conteúdos, onde a contação de história faz parte do mesmo, pois é utilizado em quase todos os projetos da instituição (Gestora).

Sim, quinzenalmente é feito o planejamento e a ele agregado a contação de história como rotina pedagógica, inseridos dentro dos projetos que ocorrem na instituição (Professora).

Sim, no planejamento mensal no qual participo, sempre observo professores e gestora incluindo a contação de história nas atividades pedagógicas e isso ocorre dentro dos projetos que estão sendo trabalhado (Monitora).

A pesquisadora do referido trabalho realmente presenciou algumas contações de história durante o período que passou fazendo a pesquisa na instituição.

Vejamos o que o RCNEI (BRASIL, 1998c, p.109) defende sobre projetos na instituição infantil: “os projetos são formas de trabalho que envolve diferentes conteúdos e que se organizam em torno de um produto final cuja escolha e elaboração é compartilhada com as crianças”.

Portanto de acordo com as respostas dos sujeitos pesquisados, identificamos que o projeto desenvolvido na instituição abrange vários trabalhos pedagógicos, um deles a contação de história.

Na pergunta a Gestora sobre se todos os professores do CREI utilizam a contação de história, ela respondeu que “sim, umas com mais propriedades e outras um tanto tímidas, mas todas utilizam” (Gestora).

Perguntamos a Professora (sujeito de pesquisa) se ela utiliza a contação de história e perguntamos se a Monitora já presenciou a mesma contando. E obtivemos as seguintes respostas:

Sim, ocorrem na sala de atividade e fora dela também e quase sempre me caracterizo com uma personagem ou utilizo dedochê, palitoche, dentre outros, para realizar os contos (Professora).

Sim, ela sempre faz a contação de história com as crianças, e também se caracterizar com personagens e isso possibilita as crianças entrarem no mundo da imaginação, fazem perguntas e até eles mesmo respondem (Monitora).

Para Abramovich (1997, p. 37) a história contada para criança precisar:

Chegar ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta.

Com base no que elas responderam, percebemos que se assemelha com o que a autora defende e de acordo com o que a pesquisadora observou os contos ocorrem com frequência na instituição e algumas professoras utilizam o lúdico para essa prática e esses elementos contribuem para despertar o interesse e curiosidade das crianças.

Perguntamos a Gestora se ela acha importante o professor utilizar a contação de história, ela respondeu que “Sim, com certeza, porque a contação de história, faz a criança familiarizar-se com os livros descobrindo, a importância e depois faz as mesmas despertar o gosto pela leitura desde cedo”. Mais uma pergunta foi realizada para a mesma, se ela presenciou no ano letivo alguma professora da instituição realizar alguma contação de história, e a resposta foi:

Sim desde o início do ano, todas as professoras do CREI utilizam cada uma do seu jeito, tentam mostrar a importância da leitura, mesmo que as crianças sejam muito pequenas no caso maternal I, a professora faz o conto às vezes mostrando um livro infantil com apenas imagens e conta da maneira dela, dessa forma ajuda a despertar a imaginação das crianças (GESTORA).

Para a professora perguntamos quantas vezes ela realizou a contação de história no ano vigente e a resposta foi: “Bem mais que cinco vezes, realizamos em média de três vezes por semana, sempre acrescentamos nos projetos que trabalhamos na instituição, portanto é um recurso bastante utilizado”.

Para a Monitora perguntamos quantas vezes esse ano, ela presenciou a professora realizar os contos, e a resposta foi: “mais que cinco, desde que iniciou o

ano quando começamos a trabalhar o projeto solicitado pela Prefeitura que a professora inclui a contação de história no planejamento de suas aulas”.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998c, p.140) “a narrativa pode e deve ser a porta de entrada de toda criança para os mundos criados pela literatura”.

Como vemos o documento defende que o conto é a porta de entrada para as crianças se tornarem um leitor e as entrevistadas também acreditam no mesmo, e uma delas utiliza constantemente nas suas práticas pedagógicas.

Mais uma pergunta feita para professora foi se a contação de história acontece em outros locais fora da sala de atividade, e a resposta foi que “Sim, no pátio coberto, no jardim e nos passeios fora da instituição” (Professora).

A mesma pergunta foi feita para a monitora e sua resposta também foi que “Sim, além da sala de atividade, no pátio e em passeios fora do CREI” (Monitora).

Ambas as falas se assemelham, deste modo, mostra-nos como resposta que a contação de história não se restringe apenas na sala de atividade e sim em outros locais. O documento do RCNEI (BRASIL, 1998a, p.54) afirma que:

Um passeio pela rua pode oferecer elementos referentes à análise das paisagens, à identificação de características de diferentes grupos sociais, à presença de animais, fenômenos da natureza, ao contato com a escrita e os números presentes nas casas, placas etc., contextualizando cada elemento na complexidade do meio. O mesmo passeio envolve, também, aprendizagens relativas à socialização, mobilizam sentimentos e emoções constituindo-se em uma atividade que pode contribuir para o desenvolvimento das crianças.

Dessa forma, entendemos que também é importante realizar práticas pedagógicas fora da sala de atividade e que isso contribuirá no desenvolvimento das crianças.

Outra pergunta realizada para a monitora, se na função dela já teve oportunidade de realizar a contação de história com as crianças, a mesma respondeu que:

Sim, utilizei quando a professora precisou se ausentar, fiquei com as crianças e como já tinha observado a mesma contar histórias, pois é muito debatido nós planejamentos que acontecem aqui no CREI, portanto realizei também com eles, observei seus olhares atentos para mim narrando, que também observaram as palavras e gestos no momento que fazia, e com isso fiquei muito feliz (Monitora).

A contação de história encanta a quem ouve, estimulando sua imaginação e envolve com prazer a quem relata. Verificamos o quanto é importante à instituição permitir a monitora participar dos planejamentos de aula do CREI, ainda que seja mensalmente, porém a mesma adquiriu o conhecimento do valor da contação de história para as crianças.

Foi realizada a mesma pergunta para as três profissionais da Educação infantil, se elas achavam importante o professor realizar trabalhos pedagógicos, retirados do conto, e obtivemos as seguintes respostas:

Sim, muito importante, porque desde cedo ajuda a criança na interpretação da história ouvida e quando a mesma desenvolve as atividades pedagógicas juntamente com a professora, isso permite vários desenvolvimentos a eles como autonomia, a vivência com a história contada e etc. (Gestora).

Sim, não só acho importante a realização dos trabalhos pedagógicos após a contação de história, como quase sempre ao final de um conto realizo diversas atividades com a participação das crianças (Professora).

Sim, Porque as crianças já ouviram e viveram a história e ao utilizar atividades retiradas do conto, ajuda a elas interpretarem o que entenderam ainda que seja o que a sua imaginação criou (Monitora).

O RCNEI (BRASIL, 1998c, p. 145), faz uma orientação didática para a instituição infantil ensinar as crianças a escrever.

Na instituição de educação infantil, as crianças podem aprender a escrever produzindo oralmente textos com destino escrito. Nessas situações o professor é o escriba. A criança também aprende a escrever, fazendo-o da forma como sabe, escrevendo de próprio punho.

Analisando a fala dos sujeitos pesquisados, pode-se inferir que todas concordam com a importância da realização de atividades, após a contação de história. Porém essas atividades não necessariamente precisam ser construídas pela professora e sim dando importância ao entendimento das crianças.

Ao serem questionadas a respeito de uma professora utilizar o lúdico para realização da contação de história, Gestora e Professora responderam o seguinte:

Sim, acho de suma importância a prática com a utilização do lúdico, já presenciei várias vezes as educadoras desse CREI usarem, geralmente nas culminâncias dos projetos, porém algumas professoras usam em todas as contações que fazem e normalmente elas incorporam o personagem com

(fantasias, cenários, dedoches, fantoches, etc.), a construção é realizada pelas professoras e às vezes com a participação das crianças (Gestora).

Sim, importantíssimo a ludicidade é essencial para enriquecer a contação de história, podendo tornar o momento mais atrativo para que as crianças tenham uma atenção maior e sempre que utilizamos, eles se interessam mais em participar. O único problema é que quando necessitamos de materiais didáticos para construir, dedoches, fantoches e entre outras coisas, a instituição não recebe a quantidade suficiente para desenvolver os trabalhos lúdicos, então muitas vezes para ter um trabalho atraente e cheios de novidades, nós professoras precisamos tirar do nosso bolso, porque a distribuição de materiais pedagógicos é muito inferior a quantidades de crianças na instituição (Professora).

De acordo com Tahan (1966, p. 19), “Em todos os recantos do mundo civilizado, os contos e as fábulas foram empregadas no ensino da ética; são formas populares, condensadas, da sabedoria popular”.

Como percebemos Gestora e Professora, confirmam a realização da contação de história com o uso da ludicidade nas práticas pedagógicas dessa instituição. E de fato, a pesquisadora em alguns dias durante as visitas ao CREI, observou a referida prática. O problema é a falta de material pedagógico para a construção dos trabalhos, caracterização dos personagens e vários outros objetos quando necessários, para a realização da contação de história.

Assim como esses contos são desenvolvidos a partir dos projetos realizados no CREI, as professoras também acrescentam ao contar histórias, objetos, músicas e roupas usadas na cultura popular, com a finalidade de homenagear o autor trabalhado no projeto. Dessa forma possibilita as crianças o conhecimento da cultura popular brasileira e que também é uma excelente opção para agregar na contação de história.

A última questão realizada com as três profissionais da educação infantil foi se elas percebem o envolvimento das crianças no momento da contação de história, e elas responderam:

Sim, sempre se envolvem eles ficam vidrados olhando principalmente quando as professoras se caracterizam de personagens, então eles dialogam com o contador, opinam, sugerem, gritam, rir, expressão alegria, às vezes medo, conhecimento do conto, e chegam até mudar o final da história (Gestora).

Sim, a criança está sempre se envolvendo seja como personagem atuante, ou como autor que interfere e até modificam o enredo dando finais diferentes e isso nos mostra como eles usam a imaginação (Professora).

Sim, constantemente com a atenção de forma bela, elas adquirem diversos conhecimentos importantes para seu desenvolvimento, sua imaginação é tanto que muitas vezes quando são solicitadas a fazer o reconto eles explicam de sua forma, dando outras direções para a história (Monitora).

Com base nas respostas, percebe-se que através da contação de história, a criança é muito beneficiada em seu desenvolvimento, porque estimula a imaginação, autonomia, a ampliação do vocabulário, movimentos corporais, dentre outros.

É relatado no RCNEI (BRASIL, 1998c, 158), a respeito da avaliação formativa que o professor precisar saber no processo de desenvolvimento da criança em relação às práticas de leitura:

É possível observar se as crianças pedem que o professor leia; se procuram livros de histórias ou outros textos no acervo; se consideram as ilustrações ou outros indícios para antecipar o conteúdo dos textos; se realizam comentários sobre o que “leram” ou escutaram; se compartilham com os outros o efeito que a leitura produziu; se recomendam a seus companheiros a leitura que as interessou.

A prática da leitura com as crianças na referida instituição, é tão real que a pesquisadora presenciou mais de uma vez na sala de atividade. Portanto inúmeras situações foram possíveis observar no CREI. De acordo com o que o documento citado acima defende, ocorreram mais de uma vez, onde as crianças pegavam os livros no “cantinho da leitura” e solicitava, tanto a professora como para a pesquisadora, ler os livros infantis para eles.

Mais um fato que se relaciona ao que é defendido pelo RCNEI, aconteceu que uma criança comentou a história com os colegas, não da forma que a história foi contada e sim da maneira que sua imaginação criou, outras crianças falavam a respeito do assunto também, algumas delas modificavam o final da história e nisso a professora instigava a cada criança para que falassem o que lembravam ou entenderam da história.

Com o olhar nas profissionais pesquisadas da instituição, foi possível identificar o quanto elas acreditam na importância do uso da contação de história na Educação Infantil, e o quanto pode ser benéfico para o desenvolvimento da criança.

Sendo assim, com as respostas e observações realizadas na pesquisa de campo alcançamos os objetivos propostos no nosso trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso foi construído para identificar a importância que o recurso da contação de história possibilita no desenvolvimento da criança, prática essa que deveria ser incluída nos planejamentos dos CREIs. Devido aos benefícios que proporcionam a criança desde a Educação Infantil.

De tudo que foi estudado durante a pesquisa, foi possível identificar o quanto a leitura feita para a criança é indicada e defendida por diversos teóricos e documentos legais e orientadores.

O CREI pesquisado proporcionou dados extremamente importantes para a realização da pesquisa, quando não só relataram através dos questionários com respostas valiosas, mas seus profissionais mostraram na prática que realizam a contação de história em seu planejamento escolar.

Em todas as salas da referida instituição, foi possível identificar que possuem o “cantinho da leitura”, todos com acesso facilitado para as crianças e com uma variedade de livros infantis, inclusive a pesquisadora pôde presenciar em alguns dias da pesquisa as crianças fazendo uso dos livros de livre e espontânea vontade.

Outro ponto bastante positivo foi que os sujeitos responsáveis e atuantes na instituição, possuem o entendimento do valor que a contação de história tem, quando trabalhada constantemente nas atividades realizadas no CREI.

Portanto, baseado na pesquisa de campo ficou claro que as professoras usam a contação de história e também exploram com atividades pedagógicas. E dessa forma, facilitará tanto o trabalho das profissionais, como no aprendizado das crianças.

No que se refere às ferramentas para as realizações dos contos de forma lúdica, a professora relata a respeito da carência de materiais pedagógicos na instituição e que muitas vezes para não deixarem de serem realizados, é preciso que os profissionais do CREI assumam com as despesas necessárias.

Segundo a professora que participou da pesquisa, não deixa de realizar seus trabalhos lúdicos, principalmente quando se trata da contação de história, a mesma defende o quanto acha necessário as diversas formas de fazer o conto com a ludicidade, ainda que necessite comprar materiais com seu próprio dinheiro.

No entanto, os profissionais da educação não deveriam passar por mais essa dificuldade de materiais pedagógicos dentro da instituição, pois é uma ferramenta fundamental para enriquecer os trabalhos realizados na Educação Infantil.

Como percebemos a instituição pesquisada, mesmo com falta de recursos para trabalhar com a contação de história, não deixa de realizar os trabalhos, pois as profissionais do referido CREI, reconhecem o valor que ao acrescentar histórias infantis, nos anos iniciais é de suma importância para o desenvolvimento das crianças, sem falar que contribuirá para formar um futuro leitor.

Não deixando de citar que a família deve auxiliar na educação das crianças, instigando-as com a literatura infantil, pois muitos hábitos que eles trazem de casa para a escola são fundamentais para contribuir no desenvolvimento dos mesmos. Para tanto, a instituição poderá proporcionar Projetos Sociais ligados à literatura infantil e inserir a família com o objetivo de incentivar ambas as partes a tomar gosto pela leitura.

Desse modo, a instituição irá aperfeiçoar essa prática de leitura, acrescentando a contação de história e seus possíveis trabalhos pedagógicos para aflorar ainda mais a imaginação das crianças. Sendo assim, o indivíduo levará o conhecimento para toda vida.

Por fim, como futuros professores reconhecemos a importância de trabalhar a contação de história no nosso planejamento escolar, dando prioridade sempre nas formações continuadas, de onde poderá nos proporcionar atualizações pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: Elaboração de Trabalho na Graduação**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2007. p.111-147.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Ministério da Educação, 2018.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso: 10 ago. 2018.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 06 de ago.de 2018.

_____. Estatuto da criança e do adolescente. **Lei nº 8069**, 13 de julho 1990. São Paulo. Cortez, 1990.

_____. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acesso em 04 de ago.de 2018.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Acesso em 09 de ago.de 2018.

_____. **Lei n. 10.172**, de 09 de janeiro de 2001. **Plano nacional de educação - PNE**. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, Brasília/DF, 10 jan. 2001. Acesso em: 11 ago. 2018.

_____. **Lei n. 13.005**, de 25 de junho de 2014. **Plano nacional de educação - PNE** e dá outras providências. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, Brasília/DF, 26 jun. 2014. Acesso em: 11 ago. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**, Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em: pacto.mec.gov.br/legislacao-do-pnaic-2017. Acesso em: 20 ago. 2018.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial curricular nacional para educação infantil**: Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998. Acesso em 21 nov. 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial curricular nacional para educação infantil**: Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Acesso em 21 nov. 2017.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB Nº01 de 07 de abril de 1999**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Acesso em 13 ago. 2018.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB Nº 05 de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Acesso em 22 nov. 2017.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa, 8.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil**: arte do disfarce. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. História da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n 14, p. 5-18, Mai./Jun./Jul./Ago.2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02.pdf>. Acesso em: 25 jul.2018.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 33, p.78-95, mar.2009. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT14092013163751.pdf>. Acesso em: 28 jul.2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Disponível em: <www.feevale.br/editora>Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento**: do faz-de-cont: representação teatral. São Paulo: Ed. Mediação, 2004. p.111-139.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

ANEXOS

ANEXO – A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a)

Esta pesquisa é sobre “A Contação de História Como Recurso Pedagógico no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil” que está sendo desenvolvida por Sheila Costa Chaves Barroso, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dr^a Ana Luisa Nogueira de Amorim.

O objetivo do estudo é “Analisar as possibilidades que existem através do recurso pedagógico da contação de história”.

Solicitamos a sua colaboração para a realização da pesquisa respondendo a este questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicações da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a saúde dos envolvidos no estudo.

Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Nome completo do(a) participante: _____

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

RG: _____

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora responsável:

Sheila Costa Chaves Barroso - (83) 98815-0331

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORA

UNIIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ORIENTANDA: Sheila Costa Chaves Barroso
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Nogueira de Amorim

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: M () F ()

VÍNCULO: () Contrato

() Concurso

() Outro: _____

Função: _____

Tempo de Serviço: _____

Tempo de Serviço na Educação Infantil: _____

FORMAÇÃO:

() Ensino Médio

() Ensino Normal(Pedagógico/ Magistério)

() Ensino Superior: Qual? _____

() Pós Graduação: Qual? _____

UNIIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ORIENTANDA: Sheila Costa Chaves Barroso
ORIENTADORA: Prof.^a Dr^a Ana Luísa Nogueira de Amorim

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Questionário para professora

1. Em qual etapa você leciona no ano atual? _____

2. Você acha importante a contação de história na Educação Infantil?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

3. No planejamento da instituição, é acrescentada a prática da contação de história?

() sim

() não

Explique sua resposta:

4. Você utiliza a contação de história em sala de atividade?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

5. Quantas vezes você realizou a contação de história em sua sala de atividade no ano vigente?

() nenhuma () uma () de duas a cinco () mais que cinco

Explique sua resposta: _____

6. A contação de história acontece:

() apenas na sala de atividade

() em outros locais

Qual: _____

7. Através da contação de história, você elabora trabalhos pedagógicos?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

8. Você acrescenta trabalhos lúdicos no conto da história?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

9. Nas aulas com a contação de histórias, você percebe o envolvimento da criança com o conto da história?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO PARA GESTORA

**UNIIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ORIENTANDA: Sheila Costa Chaves Barroso
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Nogueira de Amorim**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: M () F ()

VÍNCULO: () Contrato

() Concurso

() Outro: _____

Função: _____

Tempo de Serviço: _____

Tempo de Serviço na Educação Infantil: _____

FORMAÇÃO:

() Ensino Médio

() Ensino Normal(Pedagógico/ Magistério)

() Ensino Superior: Qual? _____

() Pós Graduação: Qual? _____

UNIIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ORIENTANDA: Sheila Costa Chaves Barroso
ORIENTADORA: Prof.^a Dr^a Ana Luísa Nogueira de Amorim

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Questionário para Gestora

1. Você acha importante a contação de história na Educação Infantil?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

2. No planejamento da instituição, é acrescentada a prática da contação de história?

() sim

() não

Explique sua resposta:

3. Todos os professores do CREI utilizam a contação de história?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

4. Você acha importante o professor utilizar a contação de história em suas práticas pedagógicas?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

5. No ano letivo você já observou alguma professora da instituição utilizar a contação de história:

() Sim

() Não

Explique sua resposta: _____

6. Você acha importante o professor realizar trabalhos pedagógicos, retirados da contação de história?

() Sim

() Não

Explique sua resposta: _____

7. Você já assistiu alguma professora fazendo a contação de história de forma lúdica?

() Sim

() Não

Explique sua resposta: _____

8. Nas aulas com a contação de história, você percebe o envolvimento da criança com o conto da história?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO PARA MONITORA

**UNIIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ORIENTANDA: Sheila Costa Chaves Barroso
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Nogueira de Amorim**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: M () F ()

VÍNCULO: () Contrato

() Concurso

() Outro: _____

Função: _____

Tempo de Serviço: _____

Tempo de Serviço na Educação Infantil: _____

FORMAÇÃO:

() Ensino Médio

() Ensino Normal(Pedagógico/ Magistério)

() Ensino Superior: Qual? _____

() Pós Graduação: Qual? _____

UNIIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ORIENTANDA: Sheila Costa Chaves Barroso
ORIENTADORA: Prof.^a Dr^a Ana Luísa Nogueira de Amorim

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Questionário para Monitora

1. Qual a turma que você está como monitora? _____
2. Você acha importante a contação de história na Educação Infantil?
() sim
() não
Explique sua resposta: _____

3. No planejamento da instituição, é acrescentada a prática da contação de história?
() sim
() não
Explique sua resposta: _____

4. A professora que você auxilia utiliza a contação de história?
() sim
() não
Explique sua resposta: _____

5. Quantas vezes você já presenciou a professora realizar a contação de história no ano vigente?

() nenhuma () uma () de duas a cinco () mais que cinco

Explique sua resposta: _____

6. Em sua função, você já utilizou a contação de história com as crianças?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____

7. A contação de história acontece:

() apenas na sala de atividade

() em outros locais

Qual: _____

8. Você acha importante a professora realizar trabalhos pedagógicos, retirados da contação de história?

() Sim

() Não

Explique sua resposta: _____

9. Nas aulas com a contação de histórias, você percebe o envolvimento da criança com o conto da história?

() sim

() não

Explique sua resposta: _____
